

LGBTfobia e o Consumo de Pornografia no Brasil
Ariel Fernandes Ferreira
Larissa Abrantes Mendes
Fernando Figueiredo dos Santos e Reis
Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Notas do Autor

Ariel Fernandes, graduando no Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Larissa Abrantes Mendes, graduanda no Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Fernando F. S. Reis, psicólogo, psicanalista, Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Professor Universitário no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA.

Resumo

O artigo buscou estudar um parâmetro entre a LGBTfobia e o consumo exacerbado de pornografia no Brasil, baseando-se nos gráficos diretamente proporcionais ao se tratar da ligação entre a morte e o consumo de tal pornografia. O objetivo deste trabalho se formula em entendermos o porquê de uma comunidade tão marginalizada ser tão desejada quando falamos em termos de gozo. É uma pesquisa de caráter exploratório e investigativo com abordagem qualitativa a fim de compreender o assunto, baseado em procedimento de revisão bibliográfica a partir do levantamento de referências teóricas. O presente artigo contribui para que sejam entendidos os mecanismos psíquicos que levam a esse padrão. Com esse estudo esperamos que os caminhos para a produção de conhecimento sobre esse assunto possam crescer.

palavras chaves: LGBTQIA+, sexualidade, pornografia, psicanálise

Apresentação

Segundo o Grupo Gay da Bahia (2017), o Brasil tem crescido no ranking da criminalidade contra LGBTQIA's¹, sendo que esses crimes de ódio são progressivamente praticados de forma explícita na sociedade. As políticas públicas de segurança adotadas para a proteção da população LGBTQIA+ tem sua eficiência drasticamente reduzida, visto que, são banalizadas pela atual conjuntura política ligada a um sistema de extremo conservadorismo intensificado pela polarização política da massa, cristalizando a LGBTfobia.

O Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ é 28 de junho, e teve seu início em 1969 em Stonewall, Estados Unidos, onde gays, lésbicas, travestis e drag queens enfrentaram policiais e iniciaram uma rebelião que lançou as bases para o movimento pelos direitos LGBTQIA+ não só nos Estados Unidos como também no mundo. De acordo com o documentário a Revolta de Stonewall (2010), essa rebelião teve duração de seis dias e foi uma resposta às ações arbitrárias da polícia que corriqueiramente propiciava batidas e revistas humilhantes e extremamente violentas em bares gays.

Marsha P. Jhonson é um dos nomes mais famosos das revoltas de Stonewall, onde se tornou linha de frente nos protestos que seguiram pelos Estados Unidos, Marsha era uma mulher negra, transgênero, trabalhadora sexual e ativista do movimento LGBTQIA+, ela lutou ao lado de várias pessoas que deram vozes a essa massa em união contra um sistema cultural da época que associava LGBTs a doenças, insanidade e inconformismo com o gênero. Marsha lutou por vários anos como ativista, seu corpo foi encontrado no dia 6 de julho em 1992 no fundo de um rio, Davis (2010).

Quando a revolta de Stonewall aconteceu nos Estados Unidos, o Brasil passava por um dos seus piores momentos da ditadura militar, na data de 13 dezembro de 1968 foi institucionalizado o AI-5, o ato que retiraria uma série de liberdades civis, de direitos humanos e uma censura rígida que atrasaria a luta em muito tempo na história brasileira. De acordo com Colling (2011), só em 1983 o Brasil toma atitudes parecidas com a Revolta de Stonewall, apelidada de "O pequeno Stonewall Inn", em um bar de São Paulo mulheres foram impedidas de vender no local uma publicação que obtinha o nome de "ChanacomChana", o dono do bar ligou para a polícia e alegava que a publicação atentava contra os bons costumes, no dia seguinte várias ativistas feministas e lésbicas invadiram

¹ Sigla para *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual*, e o + designa outros grupo e variações de sexualidade e gênero.

o local para ler em seu direito. Em 2003 essa data se torna o dia do orgulho lésbico no Brasil.

Segundo Ullmann (2005) a aceitação e prática da homossexualidade perdura em diversas civilizações ao longo da história, e ainda em muitos países são constantemente violentados e mortos sem proteção das leis, que podem ser omissas, conter brechas e respaldar a violência contra essa comunidade. Ao longo dos últimos dois séculos a violência institucional continuou fazendo vítimas. Se tratando de leis, ser LGBTQIA+ ainda é crime em 70 países de acordo com os dados levantados pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex (ILGA) (2019). As práticas sexuais ocorridas no século VII A.C na Grécia Antiga entre duas pessoas do mesmo sexo, tinham função social e pedagógica (Ullmann, 2005).

O desenrolar histórico da humanidade apresenta provas documentadas que a homossexualidade já esteve presente nas mais diversas culturas. Na Grécia antiga por exemplo, retratados em cerâmicas, estatuas e pinturas, é comum a prática sexual entre homens da Grécia Antiga, chamada de pederastia, e que marcava determinada relação de poder entre os homens, fazendo parte, inclusive, da formação do sujeito grego. Isso é mudado completamente quando a sexualidade humana passa a ser enxergada num nível moral, advento da cristandade, e o homem que pratica sexo com outro homem passa a ser reconhecido como sodomita, com a marca do pecado. Segundo Foucault (1999), na Era Moderna, o sujeito sodomita é mudado para o termo homossexual, pois “a sodomia era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico” (Foucault, 1999 p. 50).

Sendo assim Foucault explica que a mudança da sodomia para a homossexualidade, como uma categoria patológica, passou a ser vista como uma doença. Posto isto, os homossexuais da época foram sentenciados pela medicina a serem internados como loucos ou insuficientes para a sociedade da época.

Somente em 1990 a OMS retirou o homossexualismo da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID), Conselho Nacional de Saúde (2014). O Conselho Federal de Psicologia, considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão em março de 1999 resolve em seu artigo 3º e 4º:

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (CFP, 1999, art. 3º e 4º).

O consumo de pornografia com temática não cis-heteronormativa² apresenta um gráfico crescente. Conforme o site Pornhub (2018), o Brasil está entre os 20 países que mais consome deste conteúdo, onde os termos “lésbicas” e “transgêneros” assumem posição de destaque nas buscas, visto que são as categorias mais acessadas, com o último possuindo uma procura 98% maior em comparação ao resto do mundo.

Em que pese o crescente acesso a conteúdo não cis-heteronormativo em sites pornográficos em 2018 de acordo com o site Transgender Europe (2018), entre janeiro e setembro, 271 pessoas trans foram mortas em 72 países, sendo o Brasil o líder do ranking com 125 casos. Dessa forma, a partir das estatísticas de homicídios ou violência de cunho homofóbico e o consumo de pornografia, existe um dissenso social no Brasil entre a violência e o gozo com a comunidade LGBTQIA+.

A pornografia sempre existiu, e com a internet surgem novas formas de conteúdo erótico, dando origem a novas categorias de produtos e tendências na indústria pornográfica. As novas pornografias passam a desafiar os imperativos estéticos mais mercantis, insurgindo ao mesmo tempo as ideologias, Ceccarelli e Ribeiro (2015). Ao redor do globo o consumo de pornografia é exacerbado, conforme dados do Pornhub (2017/19) o conteúdo LGBTQIA+ tem recorde em acessos.

Analisando de forma estrita os estudos psicanalíticos, é possível afirmar que nas múltiplas formas por onde a sexualidade se expressa, a pornografia sendo uma delas, evidenciam-se as fantasias recalçadas, servindo como se fosse real. A ‘solução pornográfica’, chamemo-la assim, permite a realização de fantasias e desejos que, por terem sido coibidos pela moral, tornaram-se ainda mais intensos (Ceccarelli, 2011, p. 6).

Se essa fantasia do sujeito for inacessível pela via moral, tendo sentido de proibido, a pornografia acaba sendo um despacho que concede a experiência da

² O termo LGBTQIA+ representa um movimento social que preza pela dignidade da pessoa humana e luta pela sua inclusão social. Por isso optou-se, nesse trabalho, a se referir ao conteúdo pornográfico, muitas vezes estereotipado de forma negativa, jocosa e ridicularizada, sob o termo não cis-heteronormativo.

sexualidade que, inconscientemente, por tantas vezes protege o sujeito. “A pornografia é o erotismo esvaziado de afeto” (Ceccarelli, 2004, p. 66).

Segundo Stoller:

A pornografia é um devaneio publicado. A perversão é um devaneio executado. A pornografia é uma forma frustrada de uma perversão. Quando alguém está à procura de excitação, a pornografia tem a vantagem de ser um devaneio confiável: é visível, pode ser examinada repetidas vezes e – por ser produzida para a venda – temos a garantia de que representa um gênero, que é o devaneio preferido de inúmeras pessoas, ou seu produtor perderia dinheiro. (1998, p. 27)

Hodiernamente, entender a diferença entre sexo e sexualidade é de extrema necessidade. Portanto, aquele é definido como a parte biológica, enquanto esse deve ser explorado em seu sentido total, para além do corpo, colocando de lado a conceituação redutiva de sexo como genitália e fins de reprodução.

Segundo Freud (1905), a sexualidade é construída durante as primeiras experiências afetivas na infância, desse modo a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte. No momento em que nasce, a assimilação do bebê é sensorial, por conseguinte todo contato com os pais ou cuidadores constitui nas primeiras sensações sexuais, formando base para a elaboração dos vínculos afetivos e do desejo de aprender. O conceito psicanalítico de Freud é elaborado na premissa que sexo é energia vital.

Além do mais o autor relata que é no decurso da infância que se dá a origem de transtornos emocionais que, ao serem sedimentados, ampliam-se trazendo à tona diversas neuroses que normalmente refletem-se na fase adulta. Dessa forma pode-se afirmar que nos primeiros anos de vida a função sexual é ligada a própria sobrevivência do indivíduo, por meio do direcionamento da libido à oralidade ou ao controle dos esfíncteres, por exemplo. Assim, Freud (1905) classificou o desenvolvimento progressivo, também chamado de psicosexualidade, em cinco fases: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital.

Freud (1905), o desejo sexual é a principal motivação do comportamento humano visto que, este é regido por um instinto sexual e por um instinto de conservação da espécie. No livro, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905) traz a pulsão sexual como fator biológico comum a espécie animal, no homem tem caráter inato que se expressa através do termo libido como algo que precede de satisfação e que se manifesta neste.

Portanto, para Freud (1905), a sexualidade está presente no sujeito desde a vida infantil isto pois, considera-se uma espécie de preparação para o desenvolvimento sexual adulto em sua totalidade. A sexualidade, para a Psicanálise, refere-se à busca constante e à vigência da satisfação pulsional.

Seguindo o conceito psicanalítico, a sexualidade assume uma perspectiva onde a vida sexual, por meio da libido, abrange todas as atividades que circundam sentimentos dos quais os impulsos sexuais são a fonte, reprimidos pelo inconsciente e com a destinação original não alcançada. As exigências civilizatórias impõem a todos a experiência com a castração, e tanto libido quanto afeto são redirecionados aos objetos permitidos. A construção do conjunto de objetos permitidos e o modo como o sujeito vai se colocar diante deles, sempre de maneira imperativa, são organizados por meio de ideais superegóicos. Esses ideais são fortes o suficiente para obrigar o sujeito a negar a expressão de sua sexualidade em troca de uma padronização do ideal do que é ser um homem ou uma mulher. Contudo, quanto mais forte é o imperativo repressor, tanto mais forte será o refulgo desta repressão, que tende a sair na forma de violência, Freud (1923).

No final do século XIX e início do século XX, decorre a ruptura dos conceitos de sexualidade associado ao biologismo vigente até o momento observado como concepções naturalistas do sexo. De acordo com Foucault (2001) os conceitos naturalistas precedentes serviram como base a fim de que a psicanálise produzisse um novo dispositivo teórico para a sexualidade na sua pós-modernidade:

A psicanálise desempenha vários papéis simultâneos nesse dispositivo: é mecanismo de fixação da sexualidade [...], funciona como elemento diferenciador na tecnologia geral do sexo. Em torno dela, a grande exigência da confissão que se formara há tanto tempo, assume um novo sentido, o de uma injunção para eliminar o recalque. (Foucault, 2001, p 123)

Foucault em a *História da Sexualidade I* (1988), traz pontos historicamente significativos e traça questões teóricas referentes a sexualidade, especialmente o impositivo da cultura de fazer falar de sexo como dominação. O autor pesquisou as instâncias da produção do discurso sobre a sexualidade, produção de poder e saber, assinalando a história destas instâncias com suas adequadas transfigurações. “Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem - se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação”. (Foucault, 1988, p.48).

Segundo Foucault, para o poder o sexo é um tanto quanto negativo e perigoso, por isso precisa fazer-se dominado e combatido, esse domínio do sexo produz a obediência que é circunstância crucial para a manutenção do estado social do poder. O autor diz:

O poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis. De alto a baixo, em suas decisões globais como em suas intervenções capilares, não importando os aparelhos ou instituições em que se apoie, agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições quotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder”. (1988, p. 81-82)

A negatividade indicada é um dos constituintes para a tenacidade das políticas de poder sobre o sexo. Foucault destaca “com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, recusa, barragem, ou ainda ocultação e mascaramento” (Foucault, 1988, p.81).

Para Foucault (1988), as técnicas de poder sobre o sexo disseminaram a implantação dos discursos e da normatização das sexualidades polimorfos. É certo que para o autor, a vontade de saber foi além dos tabus do sexo, a sexualidade legítima era a matrimonial, heterossexual e burguesa. as sexualidades “periféricas” eram terrivelmente reprimidas. As minorias eram fontes de grandes raivas e discriminação. O conceito de sexualidade na visão de Foucault:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (1988, p.100)

A sexualidade pode ser entendida como um dos aspectos centrais do indivíduo abrangendo as identidades, papéis de gênero, orientações sexuais, erotismo, prazer e reprodução na linguagem. Sendo, portanto, a linha tênue que diferencia o ser humano do animal, visto que este a utiliza apenas para fins de reprodução. Foucault marca:

O uso do termo sexualidade foi estabelecido em torno de um discurso desenvolvido em campos de conhecimentos diversos, p.ex.: científico, religiosos e filosóficos, os quais apresentavam comportamentos que cobriam os mecanismos biológicos de reprodução,

como também aplicados num conjunto de regras que se sustentava, que se apoiam em instituições religiosas, jurídicas, médicas e pedagógicas em função das mudanças que fazia o indivíduo a dar valor a sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (Foucault, 2009, p.9-10)

Sem os dispositivos de poder e sem as práticas sociais que objetivam as relações de poder, onde o corpo é estabelecido em uma localidade tornando-se o objeto de investimento, não há discurso de poder. Na genealogia da sexualidade, esse local é confessional, onde os indivíduos são reconhecidos como internúncios de uma verdade relativa ao seu sexo. “A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (Foucault, 1988 p. 62).

A confissão seria o mecanismo, em que o poder investe nos corpos para extrair deles o conhecimento necessário. O autor diz “é na confissão que se ligam a verdade e o sexo, pela expressão obrigatória e exaustiva de um segredo individual.” (Foucault, 1988, p.61). Por conseguinte, não se confessa uma verdade acerca de si uma vez que o sujeito não for ordenado em determinada posição de condecoração de si. Conhecer a si mesmo passou a ser conhecer também o seu sexo, quanto mais próximo da sociedade “normal” menos patologizado você seria, esse era o padrão máximo da sociedade.

Na estreita do pensamento foucaultiano, Butler concebe os gêneros como formados no seio das relações de poder. Para Butler (2009) o sexo foi para além do aspecto contingente da identidade, a autora retrata “[...] um regime sociopolítico em que o sexo existia como um atributo, uma atividade, uma dimensão da vida humana, e um regime mais recente em que o sexo foi estabelecido como uma identidade” (Butler, 2009, p.91).

Butler retrata que para essa identidade ocorrer uma divisão se introduz no sujeito por meio da distinção entre sexo e gênero:

A distinção entre sexo e gênero atende à tese de que por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (Butler, 2003, p.24)

Segundo Butler não se pode dizer que os gêneros são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, “[...] a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos” (Butler, 2003 p.24).

Butler diz que “o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza”, dessa forma:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (Butler 2003, p. 25)

O gênero é configurado culturalmente. Dessa forma, ele é limitado em uma estrutura binária que se apresenta como expressão da racionalidade universal. No entanto, as possibilidades de configuração do gênero ultrapassam tal binaridade.

Metodologia

A metodologia de levantamento de dados do presente artigo foi realizada por meio da revisão bibliográfica e a técnica de análise documental, cuja importância é descrita por Tim May (2004, p.205):

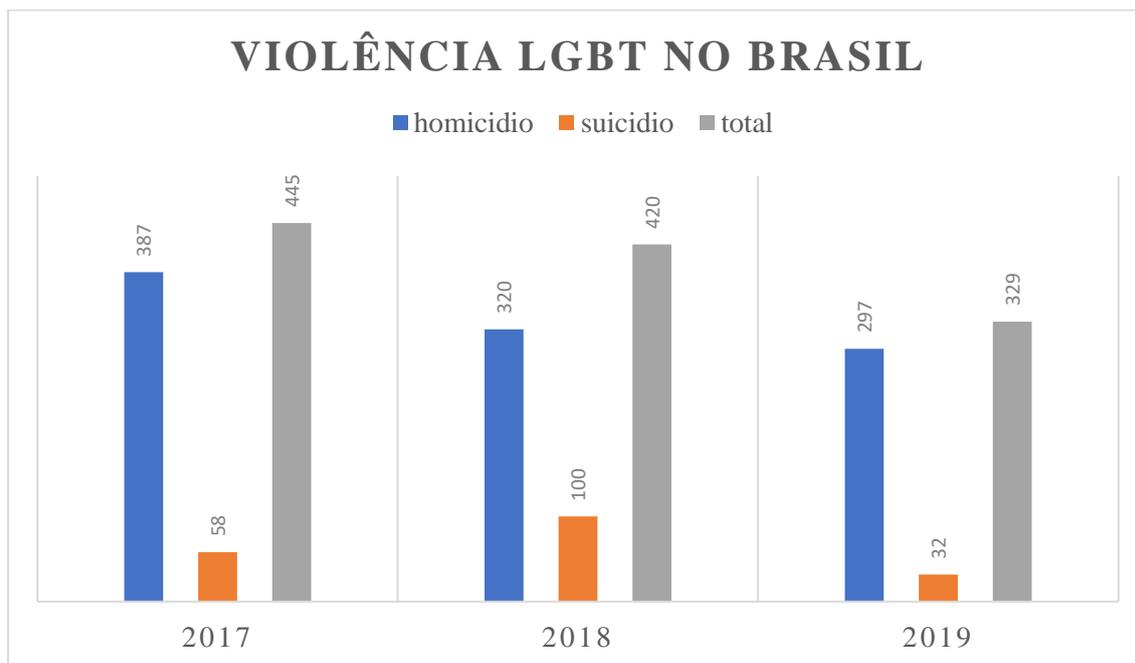
Há uma ampla variedade de fontes documentais a nossa disposição para a pesquisa social. Os documentos, lidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais. Eles nos falam das aspirações e intenções dos períodos aos quais se referem e descrevem lugares e relações sociais de uma época na qual podíamos não ter nascido ainda ou simplesmente não estávamos presentes.

Dentre os documentos que foram avaliados como importantes e representativos, de acordo com o recorte proposto, estão os relatórios de violência LGBTQIA+ do Grupo Gay da Bahia e os dados do site Pornhub que disponibiliza relatórios estatísticos anuais, sendo assim fazendo uma leitura e comparação de dados, além de reportagens e documentários.

Reconhecendo que a análise documental precisa ser suportada por alguma epistemologia teórica, com a qual os dados obtidos serão apurados e analisados, optou-se

pela psicanálise, na sua leitura primeira, a freudiana, e a teoria Queer de Judith Butler para dar base ao entendimento dos dados colhidos.

O gráfico abaixo é fundamentado nos relatórios de 2017 a 2019 disponibilizados pelo Grupo Gay da Bahia (2017/19) retrata o total de mortos por homofobia no Brasil nos últimos três anos. É necessário apontar que as mortes por suicídio devem ser contabilizadas como resultados da violência, visto que, são resultantes de uma sociedade LGBTfóbica, propagadora de violências psíquicas.

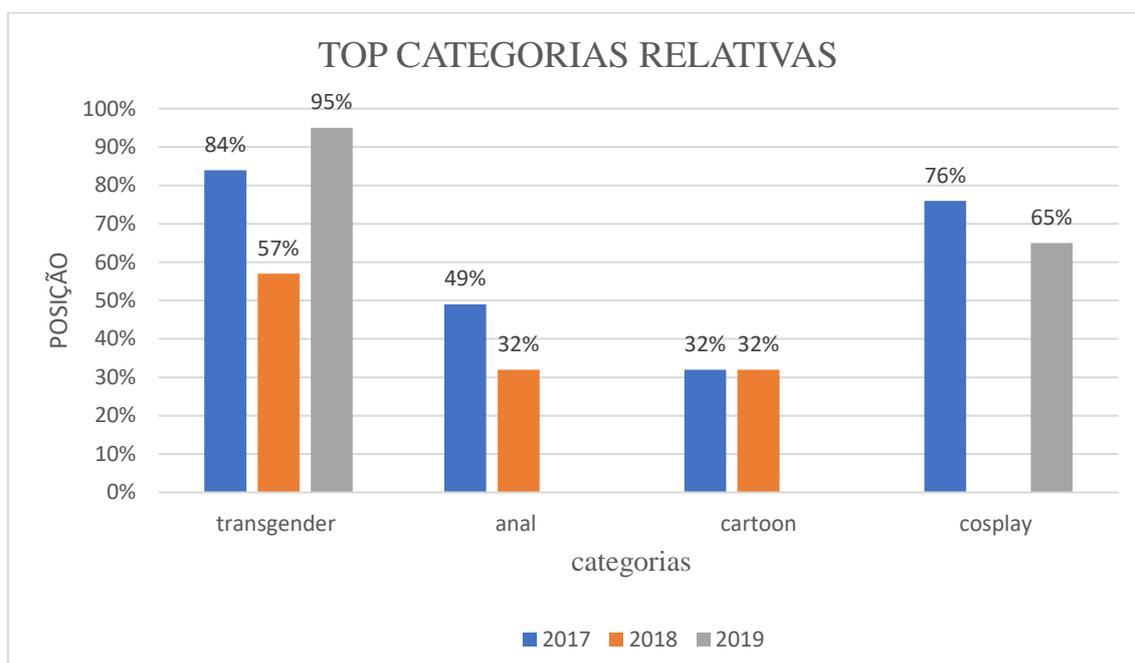


Fonte: Gráfico representando os dados do relatório anual do Grupo Gay da Bahia entre 2017 e 2019

É possível notar uma decadência no número de mortos ao longo dos anos, isto pois, a sociedade está em constante, porém extremamente lenta, evolução. Além disso, o ordenamento jurídico tem se voltado para a comunidade LGBTQIA+, o que esclarece a queda de quase 100 mortos em 2019 visto que, nesse ano a LGBTfobia se tornou crime equiparado ao racismo através de uma decisão do STF abrindo espaço na interpretação da lei do racismo (Lei 7.716/96)

A representação abaixo é baseada nos dados disponibilizados pelo site Pornhub, em “relative categories” são apresentadas as categorias de maior propensão a pesquisa no país de acordo com as buscas previamente realizadas no site. Constata-se que o Brasil é o país mais propenso a categorias como “transgênero” possuindo um aumento significativo no ano de 2019. As categorias “cartoon” e “cosplay” aparecem com

frequência, demonstrando que existe uma linha fronteira entre o real e o imaginário do indivíduo.



Fonte: Gráfico representando os dados dispostos nos relatórios anuais entre 2017 e 2019 do site Pornhub.

As tabelas a seguir retratam um comparativo das categorias mais pesquisadas no Mundo e no Brasil entre 2017 e 2019 segundo o site Pornhub. O Brasil assume posições no TOP20 mundial de países que mais consomem pornografia, ficando na 10^o, 12^o e 11^o posição respectivamente.

Tabela 1.

RANKING MUNDO x BRASIL - 2017	
Mundo	Brasil
Lésbicas	Overwatch
Hentai	Brasil
MILF	Hentai
Step mom	Lésbicas
Step sister	Anal

Tabela 02.

RANKING MUNDO x BRASIL - 2018	
Mundo	Brasil
Lésbicas	Hentai
Hentai	Lésbicas
MILF	Brasil
Step mom	Overwatch
Japonês(a)	Anal

Tabela 03.

RANKING 2019 MUNDO x BRASIL	
Mundo	Brasil
Japonês	Brasil
Hentai	Hentai
Lésbicas	Lésbicas
MILF	Brasileiras
Coreano(a)	MILF

O tópico de pesquisa “Lésbicas” se destaca nos últimos três anos, ficando em posição de categoria mais vista no mundo, em dois anos consecutivos.

A partir da análise das tabelas é possível notar um caráter narcisista, isto pois, o Brasil é o país mais propenso a pesquisar conteúdos próprios como “brasil” e “brasileiras” visto que, estes aparecem com grande frequência nos relatórios dos últimos três anos.

Discussão

Antes de falar a respeito dos resultados expostos, faz-se necessário conceituar duas condutas específicas, heteronormatividade e heterossexualidade compulsória, ambas resultantes de uma cultura LGBTfóbica cristalizada na sociedade atual.

Butler (2011) traz que, a construção da matriz heterossexual moderna deixa transparecer as técnicas e as práticas de produção e conformação dos próprios sujeitos enquanto frutos de uma íntima relação com o sexo. Desse modo, a categoria sujeito está intimamente ligada à categoria sexo, tratando-se de uma espiral impulsionada pelo dispositivo da sexualidade, em que a criação contínua de sujeitos abjetos serve à reprodução e reafirmação da conduta considerada correta. Sendo assim, a autora afirma:

“o modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido, é necessário

haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (2016, p. 52).

Ao falar de heterossexualidade compulsória, a autora Adrienne Rich (2010) conclui que esse conceito tem sido fortalecido através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura. De acordo com Pino (2007), a heterossexualidade compulsória opera submetendo socialmente as pessoas a se relacionar, seja de forma amorosa ou sexual, com pessoas do sexo oposto. Já a heteronormatividade se faz no sentido de enquadrar todas as relações, mesmo as relações entre pessoas do mesmo sexo, em um binarismo de gênero que pretende organizar as condutas a partir de uma personificação heterossexual reprodutivo.

Dessa forma, em consonância com os resultados expostos, a presente pesquisa concluiu que para a psicanálise a sexualidade é a busca constante da satisfação pulsional, satisfação essa que é reprimida de forma brutal pela sociedade quando seu modo ou escolha de objeto não se encaixa nos padrões heteronormativos. Como consequência dessa repressão, é então criada a violência para aqueles que não a sofrem ou que conseguem superá-la e ser quem entendem ser.

Em outro âmbito, a pornografia é a possibilidade de um momento íntimo do sujeito com ele mesmo, em que ele pode, secretamente, gozar com os objetos de sua escolha, mas é também utilizada para a busca do prazer reprimido pela sociedade, razão pela qual o consumo de pornografia no Brasil é tão voltado para cenas LGBTQIA+. É então, nesse ponto, que existe a imagem da erotização das lésbicas na pornografia. Aquelas que se comportam da forma estigmatizada para o sexo feminino, não desejando pênis como falo, são vistas como objetos de prazer para o homem. Ao sair da pornografia e passar para a realidade, essa imagem insiste e a fantasia criada na cabeça masculina da objetificação da mulher lésbica que, supostamente cederia ao falo, é quebrada, seja pela sua aparência não erotizada, ou por sua negação em agradá-lo. A frustração que é gerada acaba resultando em violência, afinal, a suposta potência fálica falta, e a castração é escancarada por, novamente, não ser objeto de desejo daquela mulher.

Retomando a estatística do Grupo Gay da Bahia, o Brasil assume grande posição no ranking de violência letal contra LGBTQIA+. O grupo diante dos dados mostra que os crimes cometidos contra essas pessoas não são passionais, mas são considerados crimes de ódio. Destaca-se, também, a violência de gênero que apenas aceita o binarismo

para conviver em sociedade, mas que, através dos dados apresentados nesta pesquisa, é fonte de prazer.

A personagem da obra de Chico Buarque na peça “ópera do malandro” retrata Geni, uma Transexual que reproduzia o contexto vivo do preconceito e da violência da sociedade, sendo coroada na própria peça como rainha dos loucos, lazarentos e detentos, em coro “joga pedra na Geni, ela é feita pra apanhar, ela é boa de cuspir, ela dá pra qualquer um, maldita Geni”. A repressão que o sujeito sente tanto do padrão social como pessoal é frequente para aquele que não deseja sofrer as mazelas de se “sair do armário”, sendo assim necessário todo o movimento e luta da comunidade LGBTQIA+ para garantir direitos e o devido espaço contra a opressão sexual. Saggese (2008) afirma:

“Para ocultar ou revelar sua homossexualidade terá, necessariamente, repercussão direta na vivência do risco, a partir da maneira pela qual ele será reconhecido enquanto ser social. Ele sabe, porém, que este reconhecimento é inevitável para sua aceitação ou rejeição, restando a ele somente a opção de decidir como apresentar-se publicamente nas situações com as quais invariavelmente virá a se deparar.” (p.4-5).

Todas essas razões que resultam a violência têm como fundamento a heterossexualidade compulsória, visto que ela está enraizada no pensamento e comportamento social e é reforçada de forma constante. O objetivo dessa violência não é estabelecer a verdade do sexo, mas sim fazer recair sobre quem a pratica para atingir, o que para Foucault (1988), seria o domínio absoluto do corpo. Ainda trazendo o pensamento de Foucault acerca das relações de poder, é possível estabelecer uma relação entre o poder e a violência, sendo que “o poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis”, (1988, p.81), desse modo, a agressão ao sujeito tenta regular padrões heteronormativos, e a punição reafirma essa subjetivação que é hegemônico. Ainda assim Foucault (1988) pontua: “onde há poder há resistência e, esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder” (Foucault, 1988, p.105-106).

Os movimentos LGBTQIA+ vem progredindo em respeito aos direitos e espaço junto à sociedade, embora alguns subgrupos presentes tenham conseguido mais espaço do que outros. Homossexuais masculinos conquistaram mais “direitos” na nossa sociedade, travestis, transexuais e transgêneros ainda estão ocupando um lugar de vulnerabilidade e maior violência, enquanto lésbicas ocupam o lugar da invisibilidade, da

exclusão como sujeito passando a ser objeto e desejo para a comunidade hétero masculina.

Considerações Finais

Foi possível perceber ao longo do trabalho que a satisfação sexual por meio da expressão de uma sexualidade não heteronormativa é negado socialmente, mas muito consumido pelo sujeito, principalmente a pornografia em âmbito de vulnerabilidade, objetificação, estereotipia e de dominação.

Após as pesquisas realizadas pôde-se considerar que perdura uma relação entre o consumo de pornografia no Brasil e a violência deferida contra a sociedade LGBTQIA+. Os gráficos apontam uma relação direta entre as mortes e o consumo do material, visto que o presente artigo buscou entender os mecanismos que levam o consumo e a violência contra a população LGBTQIA+, com base nos dados obtidos e discutidos foi possível alcançar que essa violência está ligada a padrões heteronormativos e a heterossexualidade compulsória, pela via das relações de poder.

Reconhece-se que essa violência pode ser a expressão da forte repressão sexual de cunho heteronormativo que sai na forma de um mecanismo de defesa do ego, a saber, a formação reativa, e transforma em agressividade aquilo que na sua origem pode ser desejo e atração. Nesse sentido, a população LGBTQIA+ pode ser vista como uma ameaça à construção de um ego frágil regido à imperativos de gozo superegóicos.

Em conclusão o artigo apresentado cumpriu seu objetivo em realizar o parâmetro entre a pornografia e a violência sob uma perspectiva psicanalítica.

Referências

- Agência Aids. (2019). Retrospectiva 2019: *Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT*. Retrieved from: <https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2019-brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt/>
- Butler, J. (2009). *Inversõessexuais*. In I. C. F. Passos(org), *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2011). *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. London and New York: Routledge, 2011.
- Ceccarelli, P. (2011). *A pornografia e o ocidente*. Portugal: Revista (In)visível, v. 1, p. 25-34, 2011.
- Ceccarelli, P. (2004) *Sexualidade e consumo na TV*. Rio de Janeiro: Psicologia Clínica, v. 12, n. 2, p. 59-68, 2004.
- Ceccarelli, P. & Ribeiro, A. (2015). *Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*. Belo Horizonte: Reverso. n.70, p.15-22.
- Colling, L. (2011). *Stonewall 40 + o que no Brasil*. Salvador: EDUFBA. Coleção CULT.
- Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução CFP Nº 001/99 de março de 1999*. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf> Acesso em: 20 de out.
- Conselho Nacional de Saúde. (2014).. *Amanhã (17) será celebrado o Dia Internacional contra a homofobia. Veja abaixo o manifesto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT)*. Retrieved from: Conselho Nacional de Saúde (saude.gov.br).
- Davis, K. (2010). *A Revolta de Stonewall* [Film]. USA: Kate Davis e David Heilbronner.
- France, D. (2017). *"A vida e a Morte de Marsha P.Johnson"* [Film]. USA. Davis France .
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Ed. Standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1923). *"O ego e o id"*. In: Ed. Standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2001). *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 16. ed. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal.
- Grupo Gay da Bahia. *Relatórios anuais de Mortes LGBTQI+*. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 20 de out.
- HuffPost. (2018). *Brasil continua líder no ranking de países que mais mata transexuais, diz ONG*. Retrieved from: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/14/brasil-continua-lider-no-ranking-de-paises-que-mais-mata-transexuais-diz-ong_a_23589407/
- ILGA World. (2019). *Homofobia Patrocinada pelo Estado 2019: Global Legislation Overview Update* (Genebra; ILGA, dezembro de 2019)
- Pino, N. P. (2007). *A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos*. Cadernos Pagu, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.
- Pornhub (2019). *The 2019 Year in Review*. Retrieved from: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>
- _____. (2017). *The 2017 Year in Review*. Retrieved from: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>
- _____. (2018). *The 2018 Year in Review*. Retrieved from: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>
- Rich, A. (2010). *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, 4 (5), jan./jun, pp. 17-44, 2010
- Saggese, G. S. R. (2008). *Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais*. Seminário Fazendo Gênero – corpo, violência e poder, Florianópolis, SC, Brasil, 8.
- Stoller, R. (1998). *Observando a imaginação erótica*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- STF (2019). *STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa*. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>>. Acesso em: 20 out. 2020
- May, T. (2004) *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. -3. ed. -Porto Alegre: Artmed, 2004.

Ullmann, R. A. (2005). *Amor e sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.